

RELATÓRIO GERENCIAL AGOSTO|2025

**CNPJ**

43.741.171/0001-84

INÍCIO DO FUNDO

DEZEMBRO/2022

ADMINISTRADOR

SINGULARE CORRETORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS S.A.

PÚBLICO-ALVO

INVESTIDORES EM GERAL

GESTOR

SUNO GESTORA DE RECURSOS LTDA

TAXA DE ADMINISTRAÇÃO

0,12% A.A.

TAXA DE GESTÃO

1,08% A.A

TAXA DE PERFORMANCE20% SOBRE O QUE EXCEDER O *BENCHMARK* (IPCA+7 A.A.)**FII SUNO ENERGIAS LIMPAS**

O SNEL11 – SUNO ENERGIAS LIMPAS FII é o Fundo Imobiliário da Suno Asset que investe em Energias Limpas e Renováveis. Trata-se de uma maneira inovadora e democrática para o investidor comum ter acesso a uma tese que, além de extremamente lucrativa, gera impacto positivo para a sociedade. O SNEL11 participará da fase de desenvolvimento dos projetos de energia desde seu início: assim que estiverem prontos/operacionais, esses projetos gerarão receita ao fundo por meio da venda de energia elétrica aos consumidores.

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	2
DESTAQUES.....	3
TESE DE INVESTIMENTOS.....	4
CENÁRIO MACROECONÔMICO	5
COLUNA DA ENERGIA	13
CARTA DO GESTOR.....	15
PERFORMANCE E DESEMPENHO	22
RESULTADO	24
ALOCAÇÕES E MOVIMENTAÇÕES.....	26
DETALHAMENTO DOS ATIVOS.....	30

DESTAQUES

R\$ 0,10

Distribuição por cota

R\$ 0,111

Lucro acumulado por cota

14,86%

Dividend Yield Anualizado

R\$ 8,15

Cota Patrimonial

R\$ 8,61

Cota Fechamento de Mercado

41.446

Número de cotistas

R\$ 319.081.982

Patrimônio Líquido

R\$ 336.958.911

Valor de Mercado

1,06

P/VP

No mês de agosto a decisão da Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) foi em elevar o patamar da bandeira tarifária para Vermelha 2, novamente sob a justificativa de afluências abaixo da média no território nacional. Isso significa que as contas de energia elétrica terão adicional de R\$ 7,87 (sete reais e oitenta e centavos) para cada 100 quilowatts-hora (kWh) consumidos.

Entrou em vigor a REH nº 3.510, que elevou em aproximadamente 12% a tarifa aplicada aos consumidores de baixa tensão na área de concessão da ELEKTRO – SP. Já a TUSD Geração, incidente sobre o subgrupo no qual a UFV está enquadrada, apresentou um reajuste relativamente menor, da ordem de 3%. O ativo Pirassununga localizado na área de concessão da Elektro irá sofrer reajuste de aluguel positivo.

Foi concluída a conexão da UFV São Bento Abade à rede da CEMIG, possibilitando o início de sua operação. Cabe destacar que, embora a usina já esteja em operação, a geração de caixa do projeto deverá ocorrer apenas nos próximos meses, em razão tanto do processo natural de ramp-up do inquilino quanto do descasamento existente no faturamento dos aluguéis, ponto já detalhado em relatórios anteriores.

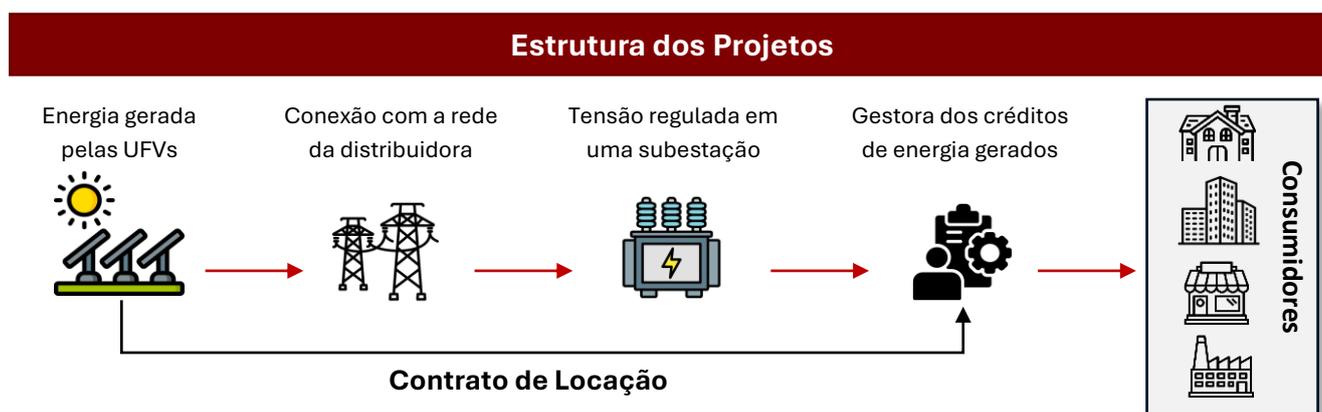
Os consumidores associados ao empreendimento Mundo Melhor já apresentam uma capacidade de consumo equivalente a aproximadamente 27% da geração mensal projetada. Considerando o descasamento existente no modelo, estima-se que a primeira receita de locação seja reconhecida em setembro, embora ainda insuficiente para cobrir integralmente os custos do projeto. Cabe destacar que o ativo possui capacidade instalada total de 7 MWp, representando cerca de 11% do portfólio, e receita mensal projetada, em regime de maturidade, superior a R\$ 550 mil.

TESE DE INVESTIMENTOS

O SNEI é um fundo de investimento imobiliário com foco no desenvolvimento de projetos voltados à **geração de energia limpa**, atuando na construção, comercialização e monitoramento dos ativos.

Atualmente, o fundo concentra seus esforços no desenvolvimento/aquisição de usinas fotovoltaicas que operam na modalidade “**geração distribuída**”, desde que atendam aos critérios de retorno estabelecidos. Esses empreendimentos estão conectados à infraestrutura da distribuidora local e são **destinados à locação** para consumidores que buscam usufruir dos benefícios proporcionados pelo sistema de compensação de créditos de energia.

Os contratos de locação são firmados, majoritariamente, nas modalidades “Take or Pay” ou de energia compensada, com **prazos alongados**, o que proporciona maior **previsibilidade e estabilidade** na geração de receitas do fundo.



Processo de investimentos



Vantagens da Tese

- Projetos de Geração Distribuída**, focado em consumidores de baixa tensão, com possibilidade de retorno real de dois dígitos.
- Estrutura de FIJ**, que traz consigo a possibilidade isenção de IR na receita dos projetos.
- Consultores e especialistas** no setor de energia diretamente envolvidos na tese.
- Contribuição para a transição energética do país**, reduzindo emissões de GEE e aumentando a segurança energética.

CENÁRIO MACROECONÔMICO

Entre cortes futuros e credibilidade presente: os dilemas de Fed e Banco Central do Brasil

Gustavo Sung

Economista Chefe

“Um dos episódios mais graves, nesse período [2010-2011], ocorreu no campo da política monetária. (...) Para surpresa de todos, no entanto, na reunião seguinte, quando o mercado financeiro julgava que o que se seguiria seria uma nova elevação ou, no máximo, uma pausa, o Banco central [do Brasil] reduziu a taxa de juros em 25 pontos-base e anunciou que novas reduções se seguiriam. (...) Infelizmente, acobertado por uma ferramenta que supostamente seria “científica” [modelos econométricos estimados na época], o Banco Central cedeu aos desejos da presidente da República [Dilma Rousseff], com um custo sobre a sua credibilidade no compromisso com a meta de inflação.”

(Affonso Celso Pastore, Caminhos e descaminhos da estabilização)

Cenário Internacional

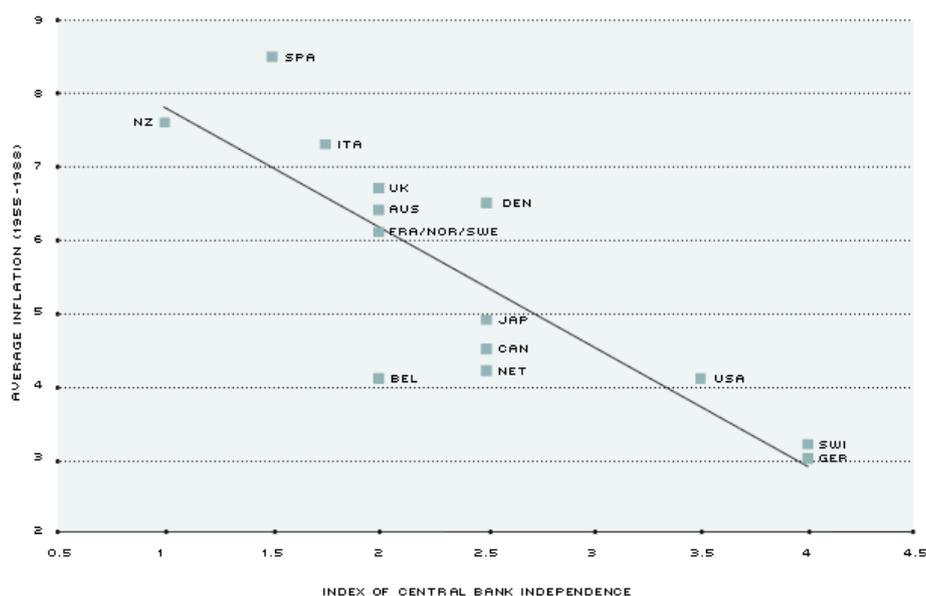
A reflexão do ex-presidente do Banco Central (BC), Affonso Celso Pastore, sobre um episódio recente no Brasil, serve como alerta para os riscos que agora rodam os Estados Unidos. No final de agosto, o atual presidente, Donald Trump, anunciou a demissão da diretora do Federal Reserve, Lisa Cook. Cook afirmou que se mantém no cargo e o caso irá à Justiça.

A medida não representa apenas uma disputa entre Executivo e Fed, mas reacende a discussão sobre a autonomia do banco central, tema já presente quando, meses atrás, também se cogitou a substituição antecipada do atual presidente Jerome Powell durante o seu mandato.

A importância desse debate não é apenas institucional, mas também macroeconômica. A literatura econômica, em especial o artigo de Alesina e Summers (1993), mostra que há uma relação negativa entre independência de bancos centrais e inflação média: países com maior autonomia, como Suíça, Alemanha e Estados Unidos, historicamente registraram taxas inflacionárias mais baixas, enquanto economias com menor grau de independência apresentaram inflação mais elevada – vide o gráfico abaixo.

Outros fatores também tiveram peso no período, como o compromisso com a estabilidade de preços, os ganhos de produtividade, o aumento da concorrência e a maior integração do mercado de trabalho e do comércio com a globalização. Ainda assim, a independência dos bancos centrais foi, sem dúvida, um dos principais elementos para garantir a estabilidade inflacionária ao longo das últimas décadas.

Independência dos Bancos Centrais vs Inflação Média



Fonte: Fed de St. Louis

Preservar a autonomia do Fed, portanto, é um pilar para a manutenção da credibilidade e da estabilidade de preços no longo prazo.

O Nobel em economia, Paul Krugman, destacou recentemente que episódios como a tentativa de demissão de Lisa Cook representam riscos não apenas para o Fed, mas também para a confiança no funcionamento técnico e profissional de toda a estrutura do governo. A mensagem reforça a ideia de que o desgaste institucional pode se refletir em maior incerteza econômica e perda de previsibilidade nas decisões de política monetária.

Caso a Suprema Corte valide a decisão de Trump, aumenta o risco de maior influência do Executivo sobre o colegiado do Fed, já que o Trump passaria a contar com a maioria de diretores de sua indicação. Essa configuração poderia afetar decisões ligadas ao orçamento, ao quadro de pessoal e até a permanência dos 12 presidentes dos Feds regionais. Um arranjo desse tipo reduziria a independência da autoridade monetária, ampliando a volatilidade nos mercados e elevando o prêmio de risco de longo prazo, como já se observou recentemente com a abertura da curva da parte longa das Treasuries norte-americanas e o enfraquecimento do dólar.

Apesar dessas preocupações, é importante lembrar que o Fed dispõe de proteções institucionais relevantes. Criado em 1913 como órgão independente, seus diretores e presidente só podem ser removidos por “justa causa”, conceito que permanece indefinido, mas que oferece uma barreira legal contra interferências arbitrárias. Essa autonomia foi reforçada em 1935, quando a Suprema Corte estabeleceu que membros de agências reguladoras não poderiam ser demitidos por discordâncias políticas, decisão que consolidou a separação entre Executivo e órgãos técnicos.

Em mai/25, a própria Suprema Corte reforçou que os membros do Conselho do Fed e do FOMC possuem salvaguardas contra demissões sem justa causa. Ainda assim, o fato de o caso ter sido

judicializado mantém abertas as incertezas sobre o futuro da instituição e torna difícil mensurar, neste momento, qual poderia ser a magnitude do impacto sobre os mercados.

A incerteza permanece até 2026, quando caberá a Trump a escolha do próximo presidente do Fed e se haverá, de fato, algum grau de interferência na condução da política monetária.

Esse debate institucional ocorre em paralelo a um otimismo dos investidores em relação à possíveis cortes de juros nos Estados Unidos em set/25.

No mês passado, as apostas do mercado em relação à queda de juros ganharam força após declarações mais brandas (dovish) de Powell. Ele destacou que, com a política em território restritivo, a evolução do cenário básico e o novo equilíbrio de riscos podem justificar ajustes na postura do banco central.

A combinação entre a expectativa de cortes de juros, bons resultados corporativos — sobretudo das big techs — e de indicadores que reduziram a probabilidade de recessão, levou os principais índices acionários dos EUA a renovarem máximas históricas em agosto, como mostra a figura a seguir.

Desempenho do S&P500 e Nasdaq



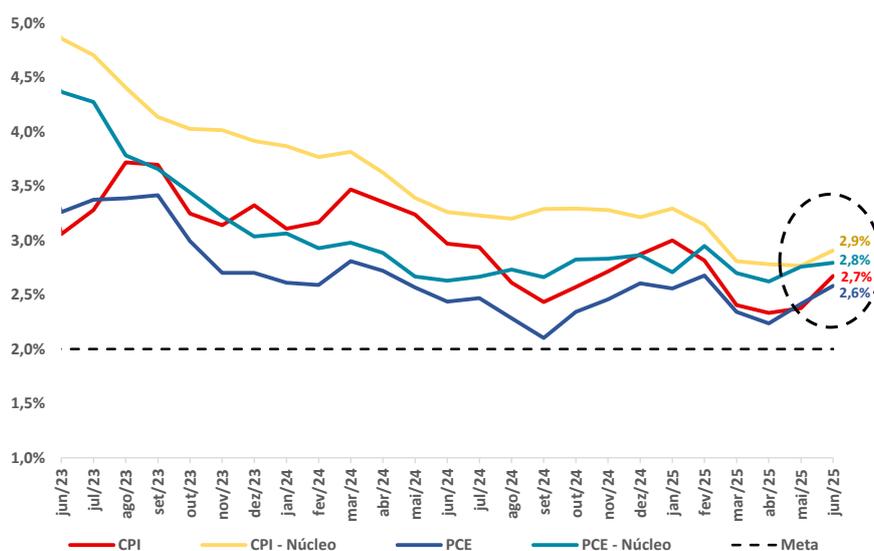
Fonte: Refinitiv / Elaboração: Suno Asset

Em nosso cenário, passamos a considerar corte na taxa de juros de 0,25 p.p. em setembro. A depender da evolução do cenário, uma nova queda poderá ocorrer no quarto trimestre de 2025. No entanto, a implementação das novas tarifas de importação limita o espaço para um ciclo mais agressivo de quedas, já que essas medidas tendem a pressionar a inflação.

A boa notícia é que, uma vez iniciado o ciclo de afrouxamento monetário, a bolsa brasileira tende a se beneficiar do maior apetite ao risco dos investidores estrangeiros.

O desafio, contudo, é que a inflação permanece próxima de 3,0% no acumulado em 12 meses — cerca de 50% acima da meta de 2,0% —, como podemos observar no gráfico abaixo. Nos próximos meses, os índices devem refletir com maior intensidade os efeitos das tarifas. Ao mesmo tempo, os últimos dados de mercado de trabalho reforçaram um enfraquecimento do segmento.

Inflação (Var. Anual)



Fonte: BLS / Elaboração: Suno Research

O dilema do Fed é equilibrar o risco de reduzir os juros cedo demais, estimulando a economia antes de garantir a convergência da inflação, com o de esperar mais tempo para avaliar a trajetória inflacionária e, nesse intervalo, intensificar uma desaceleração maior da atividade.

Nesse ambiente e pelas últimas declarações de diretores do Fomc, a reunião de setembro deve revelar novamente divergências no colegiado. Enquanto alguns podem defender cortes imediatos, outros devem preferir apenas sinalizar a possibilidade de ajuste mais à frente.

O problema é que ruídos de comunicação ampliam a volatilidade nos mercados, dificultam a ancoragem das expectativas e tornam mais custosa a calibragem da política monetária. A literatura econômica destaca que, para um banco central, transmitir o plano de voo com clareza e coesão é fundamental para preservar sua credibilidade, assegurar a eficácia da política e impedir que a incerteza institucional — como a discutida no início deste texto — se some às pressões existentes sobre a economia.

Brasil

No Brasil, os efeitos das tarifas impostas pelos EUA foram atenuados pelo programa de contingência do governo, que envolveu R\$ 30 bilhões em crédito para exportadores que dependem do mercado norte-americano. Essas medidas devem limitar a perda de ritmo de crescimento do PIB em até 0,1 p.p. No entanto, parte dos recursos — cerca de R\$ 9,5 bilhões — foi retirada da meta fiscal, o que fragiliza o arcabouço e reduz a credibilidade fiscal.

No front econômico, a taxa de câmbio real-dólar voltou a se destacar em agosto, acompanhando a trajetória de enfraquecimento global do dólar, cujo índice DXY recuou quase 10% no ano. Além do maior apetite ao risco diante da expectativa de cortes de juros nos Estados Unidos, fatores domésticos também reforçaram a atratividade da moeda brasileira: o elevado diferencial de juros, a bolsa ainda segue barata em dólares e o impacto limitado das tarifas norte-americanas, suavizado pela lista de exceções.

Esses elementos favoreceram a entrada de capital estrangeiro e levaram o câmbio a níveis abaixo de R\$ 5,40. **Para o final de 2025, estimamos um dólar a R\$ 5,65.**

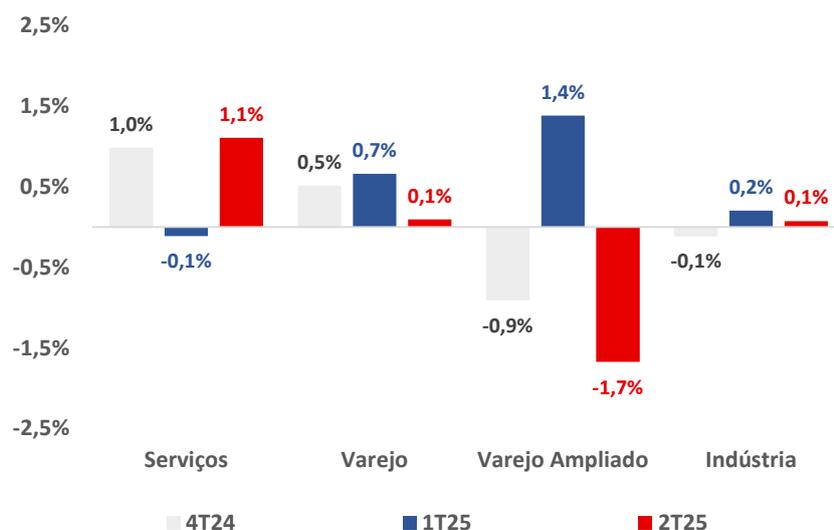
Apesar do cenário benigno no curto prazo, alguns riscos permanecem. A fragilidade fiscal doméstica, o início do ciclo eleitoral em 2026, a possibilidade de estabilidade prolongada nos preços das commodities, as incertezas em torno da política fiscal norte-americana e riscos geopolíticos podem reverter parte da valorização recente, mantendo a taxa de câmbio exposta a episódios de volatilidade.

Na frente fiscal brasileira, dois pontos se destacam:

- Orçamento de 2026 manteve a meta de superávit primário de 0,25% do PIB. Embora essa projeção aponte, em tese, para a continuidade do ajuste, há grande preocupação quanto à sua consistência. As receitas seguem superestimadas, embutindo medidas que ainda dependem do Congresso, algumas com alta probabilidade de frustração, enquanto as despesas parecem subestimadas. É provável que o governo dê maior realismo ao Orçamento ao longo dos relatórios bimestrais do ano que vem e, eventualmente, pode até rever a própria meta de 2026, gerando volatilidade.
- As incertezas em torno da reforma do Imposto de Renda, que amplia a faixa de isenção, diante de possíveis mudanças nas compensações para garantir neutralidade fiscal. O debate sobre como equilibrar renúncia de receita e novas fontes de arrecadação será central no Congresso e tende a influenciar de forma decisiva a percepção de risco fiscal no curto prazo.

Em relação à atividade econômica, os sinais de desaceleração ficaram mais evidentes no segundo trimestre, como podemos observar nos indicadores no gráfico a seguir.

Atividade Econômica – Variação Trimestral (%)



Fonte: IBGE / Elaboração: Suno Asset

O IBC-Br recuou 0,1% em junho, acumulando alta de apenas 0,3% no trimestre ante ao primeiro. O resultado reflete a perda de dinamismo do agro, que havia impulsionado o crescimento no início de 2025, e o enfraquecimento da indústria, pressionada pelos juros elevados e pelo crédito mais caro. A recente perda de tração do varejo e do serviço também confirmam esse movimento: além de uma acomodação natural após o início de ano mais aquecido, os setores têm sentido os efeitos do aperto monetário, das restrições de crédito e do elevado endividamento das famílias.

Ainda assim, a resiliência do mercado de trabalho, os estímulos do governo, o pagamento de precatórios em julho deve mitigar parte dos impactos negativos sobre o consumo e a renda no segundo semestre. A expectativa é de que estes segmentos mantenham certo crescimento, mas em ritmo mais lento, à medida que a desaceleração da economia se torne mais disseminada. **Nesse cenário, projetamos um crescimento de 2,3% para 2025.**

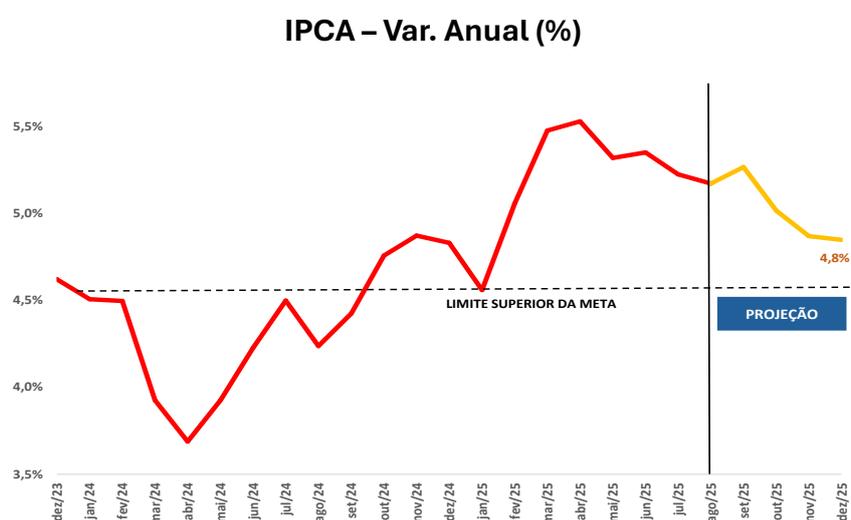
O arrefecimento, ainda que gradual e heterogêneo, tem relevância para a política monetária: a perda de tração da atividade contribui para o hiato do produto se tornar negativo e reforça as condições para que a inflação caminhe em direção à meta nos próximos anos, ou seja, a dinâmica da economia é positiva para o Banco Central.

Em relação à inflação, o IPCA-15 de agosto recuou 0,14%, registrando a primeira deflação desde julho de 2023 e o menor resultado desde setembro de 2022. Com isso, a taxa em 12 meses desacelerou de 5,30% para 4,95%.

O resultado foi influenciado principalmente pelos preços administrados, que caíram 0,61%, com destaque para o grupo Habitação, impactado pelo Bônus de Itaipu, que reduziu as contas de energia e compensou a cobrança da bandeira vermelha 2. Alimentação e bebidas também contribuíram, com a terceira queda consecutiva, puxada por preços de alimentos, enquanto Transportes recuou em função da redução das passagens aéreas e da gasolina.

Apesar do alívio, algumas métricas subjacentes apresentaram deterioração na margem. Serviços intensivos em mão de obra, serviços subjacentes, núcleos de inflação e o índice de difusão aceleraram entre julho e agosto, permanecendo em patamares incompatíveis com a meta de 3% e reforçando a preocupação da autoridade monetária. Esse quadro decorre da resiliência do mercado de trabalho, que segue aquecido, com desemprego em mínimas históricas e massa de rendimentos em nível recorde. Projetamos que a taxa de desemprego encerre 2025 entre 5,5% e 6,0%, mantendo a inflação de serviços próxima a 6,0%.

Ainda assim, a tendência geral é de um cenário mais benigno em comparação ao início do ano. A desaceleração recente da inflação resulta da valorização cambial, da estabilidade nos preços das commodities, da queda nos alimentos e da redução dos custos de produção. **Em nosso cenário base, projetamos um IPCA de 4,8% e 4,4% para este e o próximo ano, respectivamente – conforme o gráfico abaixo.**



Fonte: IBGE / Elaboração: Suno Asset

Outra boa notícia para o Banco Central é que as expectativas de inflação captadas pelo Boletim Focus vêm mostrando avanço contínuo nas últimas semanas, com revisões consecutivas para baixo para 2025, 2026 e 2027.

Essa trajetória reflete o efeito da política de juros elevados e reforça a percepção de que o processo de desinflação está ganhando tração. Embora as projeções ainda estejam acima da meta, a continuidade dessa tendência até o fim do ano reduziria a desancoragem e criaria condições mais favoráveis para que a autoridade monetária avalie, com maior segurança, o início de um ciclo de cortes na Selic.

Para o BC, a flexibilização da política depende da combinação de três fatores: expectativas mais bem ancoradas, hiato do produto negativo e desaceleração consistente das medidas de inflação. Até que todos os elementos estejam presentes, a Selic deve permanecer em 15,0% a.a., provavelmente até o primeiro trimestre de 2026.

A economia brasileira entra na segunda metade do ano em um cenário de transição: moderação da atividade, queda da inflação, com expectativas em processo de melhora. Para o Banco Central, o desafio será equilibrar o ganho de credibilidade com o momento adequado de iniciar a flexibilização da política monetária.

Os próximos meses serão decisivos tanto para o Fed quanto para o BC, à medida que dados de atividade, inflação e expectativas definirão o ritmo das próximas decisões.

A perspectiva de corte de juros em 2026 pode atuar como um fator positivo para o mercado acionário doméstico, funcionando como um segundo gatilho de valorização, em conjunto com a esperada queda de juros nos Estados Unidos. Nesse contexto, a preservação da credibilidade institucional seguirá como o principal ativo para orientar expectativas e sustentar a confiança dos mercados.

Segue abaixo a tabela das nossas estimativas. Caso necessário, faremos novas revisões das nossas projeções.

Projeções Suno

Projeções Suno	2023	2024	2025	2026
PIB (var % a.a. real em volume)	3,2%	3,4%	2,3%	1,8%
IPCA (% a/a, fim de período)	4,62%	4,40%	4,8%	4,4%
Taxa Selic (% fim de período)	11,75%	12,25%	15,00%	13,00%
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,85	6,19	5,65	5,80
Resultado Primário do Governo Central (% PIB) - meta	-2,3%	-0,1%	-0,25%	-0,3%
Resultado Primário do Governo Central (% PIB)	-2,3%	-0,4%	-0,6%	-0,7%
Dívida Bruta - DBGG (% PIB)	74,3%	76,1%	78,9%	83,0%
Balança comercial (US\$ bilhões)	98,8	74,55	60,3	70,0

Fonte: IBGE, Banco Central e ComexStat / Elaboração: Suno Asset

COLUNA DA ENERGIA

Inflação energética no Brasil

Nos últimos anos, a conta de luz se tornou um indicador claro do peso crescente da energia no orçamento das famílias brasileiras. Apesar de oscilações pontuais, a tendência de longo prazo é inequívoca: a eletricidade ficou estruturalmente mais cara. De acordo com dados do Ministério de Minas e Energia, a tarifa média de energia elétrica mais do que dobrou entre 2013 e 2024, passando de R\$ 284,67 por MWh para R\$ 681,71 por MWh. Em 2025 houve um recuo anual de 0,37% no item energia, mas esse alívio não altera a trajetória de encarecimento construída ao longo da última década. Para o consumidor residencial, a Agência Nacional de Energia Elétrica apurou em fevereiro de 2025 uma tarifa média de R\$ 0,736 por kWh, valor que ainda pode mudar ao longo do ano conforme os reajustes das distribuidoras.

Esse movimento de alta tem várias camadas. A matriz elétrica do Brasil é predominantemente hidrelétrica e, em períodos de seca, a menor geração dos reservatórios obriga o despacho de termelétricas a gás, óleo ou carvão, mais caras e de custo repassado rapidamente à tarifa. O mecanismo de bandeiras tarifárias – verde, amarela, vermelha 1 e vermelha 2 – foi desenhado justamente para refletir essas variações no custo marginal de geração, encarecendo a conta quando há necessidade de acionar fontes mais onerosas.

Além do custo de gerar energia, a fatura carrega uma parcela relevante de encargos e tributos. Programas sociais como a Tarifa Social, incentivos a fontes renováveis, atendimento a sistemas isolados e os impostos ICMS, PIS e Cofins compõem uma fatia “não energia” que pesa sensivelmente no preço final. Ao mesmo tempo, o sistema elétrico precisa ser continuamente expandido e modernizado, com novas linhas de transmissão, digitalização da rede, reforços de confiabilidade e atualizações em usinas; esses investimentos entram na base tarifária e são pagos ao longo de vários anos.

A inflação geral da economia e a variação cambial também exercem pressão. Equipamentos, combustíveis e serviços de manutenção encarecem com a alta de preços, enquanto a oscilação do dólar afeta insumos importados e parte das térmicas cujo combustível segue referências internacionais. Some-se a isso os reajustes regulatórios anuais realizados pela Aneel, que consideram inflação, custos operacionais, despacho térmico e encargos setoriais. Mesmo em períodos com bandeira verde, os reajustes periódicos tendem a sustentar a trajetória ascendente de longo prazo. Ineficiências do setor, como perdas técnicas e comerciais, furtos de energia, redes envelhecidas e burocracia, acabam igualmente incorporadas à tarifa e, em última instância, chegam ao consumidor.

O resultado é uma conta que pesa cada vez mais, sobretudo para famílias de baixa renda e em regiões de clima quente, onde a refrigeração eleva o consumo. Como a fatura mistura energia, encargos, tributos e custos de rede, o consumidor sente tanto os choques conjunturais – secas e mudanças de bandeira – quanto as pressões estruturais, decorrentes de investimentos, perdas e inflação setorial. Com a tarifa média residencial em torno de R\$ 0,736 por kWh em fevereiro de 2025, qualquer aumento de consumo, seja por novos eletrodomésticos, adoção do teletrabalho ou uso sazonal de ar-

condicionado, tem impacto imediato, e reduções pontuais de preço tendem a ser neutralizadas por reajustes anuais ou pela piora temporária nas condições de geração.

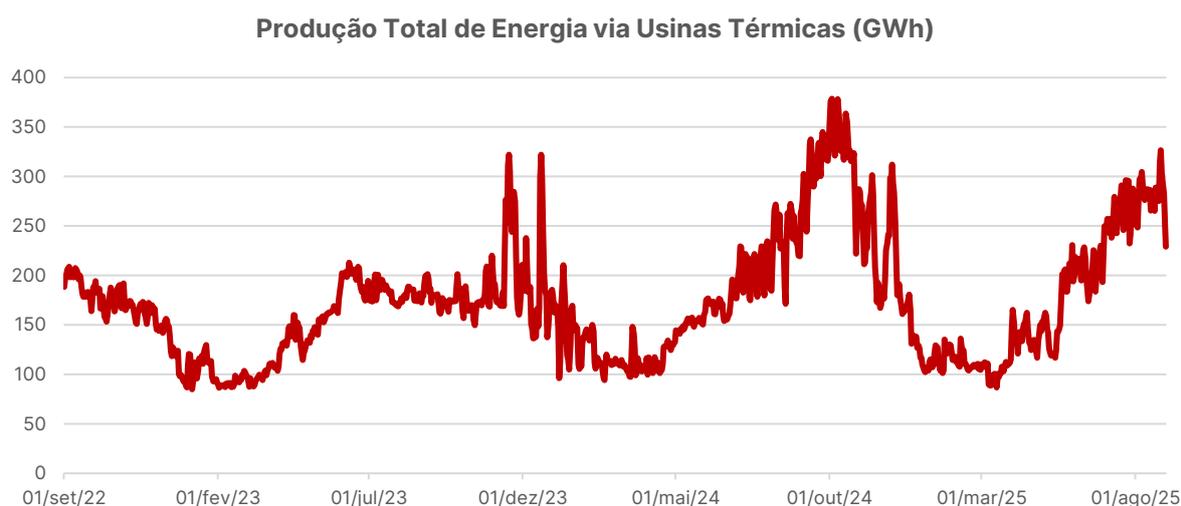
Apesar desse quadro, o país possui vantagens estruturais que podem moderar a inflação energética no horizonte mais longo, como uma matriz relativamente limpa e grande potencial hídrico, eólico e solar. Ainda assim, a exposição a eventos climáticos, a necessidade permanente de investimentos em transmissão e distribuição e a carga de encargos e tributos preservam uma pressão significativa sobre as tarifas. Diante disso, a combinação de eficiência e gestão do consumo com a geração própria, em especial por meio de sistemas solares distribuídos, desponta como a estratégia mais eficaz para reduzir risco, volatilidade e impacto da energia no orçamento doméstico.

CARTA DO GESTOR

Prezados investidores,

Iniciamos a carta do mês de agosto informando sobre a decisão da Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) em elevar o patamar da bandeira tarifária para Vermelha 2, novamente sob a justificativa de afluições abaixo da média no território nacional. Isso significa que as contas de energia elétrica terão adicional de R\$ 7,87 (sete reais e oitenta e centavos) para cada 100 quilowatts-hora (kWh) consumidos.

Com o objetivo de mitigar potenciais riscos hidrológicos, torna-se necessário o acionamento das usinas termelétricas, cujo custo de produção é substancialmente superior ao das usinas hidrelétricas, de modo a compensar a redução do despacho destas últimas. Abaixo, apresentamos um histórico recente da geração de energia proveniente das usinas térmicas no âmbito do Sistema Interligado Nacional (SIN), o qual evidência de forma clara a elevação de sua utilização nos últimos período:



Fonte: ONS / Elaboração: Suno Asset

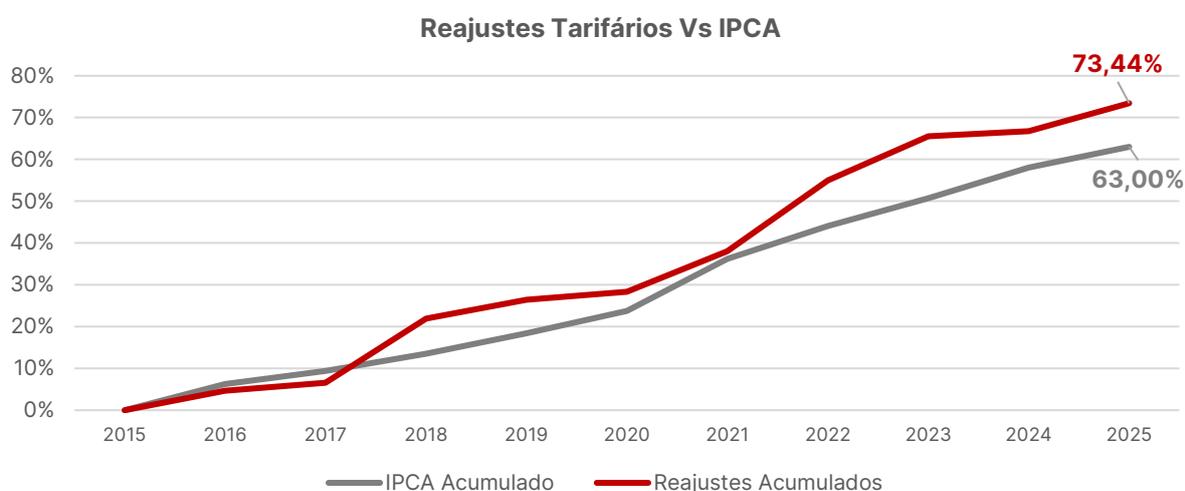
Ainda sobre os aumentos tarifários, durante o mês de agosto entrou em vigor a REH nº 3.510, que elevou em aproximadamente 12% a tarifa aplicada aos consumidores de baixa tensão na área de concessão da ELEKTRO – SP. Já a TUSD Geração, incidente sobre o subgrupo no qual a UFV está enquadrada, apresentou um reajuste relativamente menor, da ordem de 3%. Com este evento, restará apenas um reajuste tarifário a ocorrer nas regiões de atuação do SNEL no ano de 2025, previsto para outubro, na área de concessão da Equatorial GO. O ativo Pirassununga sofrerá reajuste positivo em seu contrato de locação.

Diante desse cenário, entendemos ser oportuno apresentar uma análise comparativa entre os reajustes ocorridos em 2025 e o IPCA acumulado. O cálculo considerou exclusivamente as praças em que os reajustes já foram realizados, ponderando-se os resultados pela exposição do SNEL em cada uma delas.



Fonte: ANEEL e IBGE / Elaboração: Suno Asset / Distribuidoras: Cemig, Enel CE, Light, Elektro, Neoenergia PE

Ao observarmos um horizonte mais longo, utilizando como referência a média das tarifas homologadas anualmente pela ANEEL para as distribuidoras presentes no portfólio do SNEL, identificamos uma tendência consistente de que o preço da energia elétrica para o consumidor de baixa tensão cresce a um ritmo superior ao da inflação, ou seja, a “inflação energética” tem superado o IPCA no longo prazo.



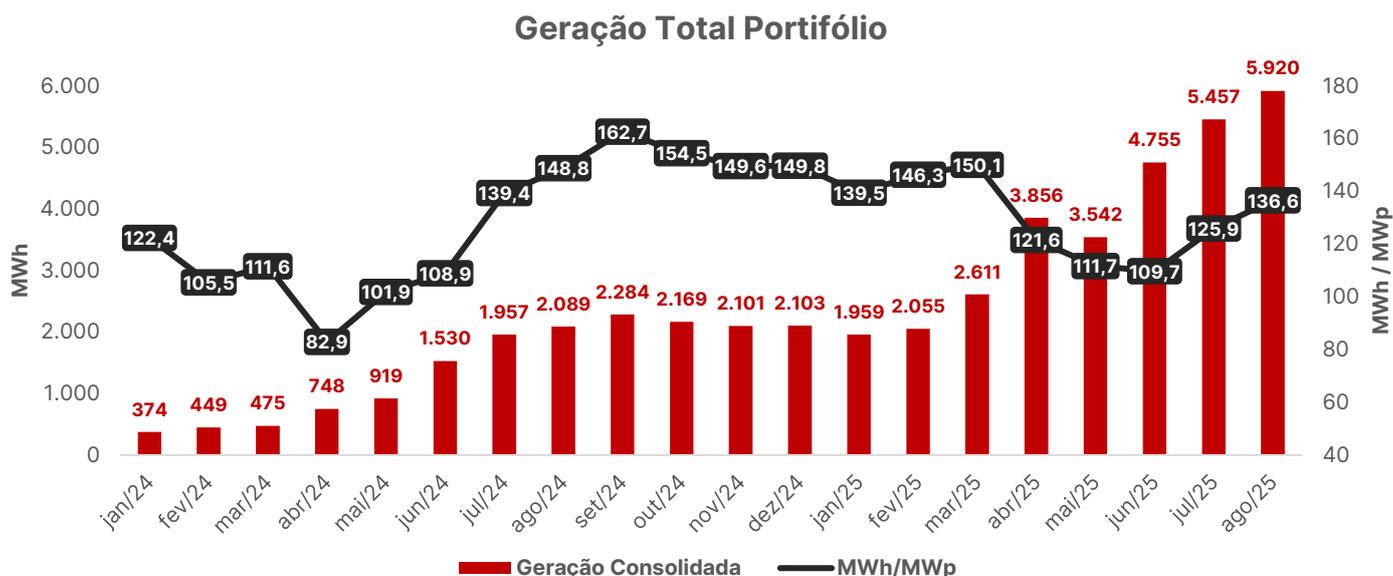
Fonte: ANEEL e IBGE / Elaboração: Suno Asset / Distribuidoras: Cemig, Enel CE, Equatorial GO, Light, Elektro, Neoenergia PE

A manutenção dessa tendência pode resultar em um crescimento real dos resultados dos projetos atrelados a essa variável, e por sua vez, tenderão a apresentar desempenho superior ao projetado nas análises de viabilidade econômica. Isso porque, em sua maioria, tais modelos são elaborados em termos reais, assumindo crescimento das receitas e despesas em linha com a inflação. Assim, caso a energia mantenha a trajetória de crescimento acima do IPCA, os projetos poderão gerar retornos efetivos superiores aos inicialmente estimados.

Por fim, ainda no mês de agosto, e conforme divulgado via [comunicado a mercado](#), foi concluída a conexão da UFV São Bento Abade à rede da CEMIG, possibilitando o início de sua operação. As

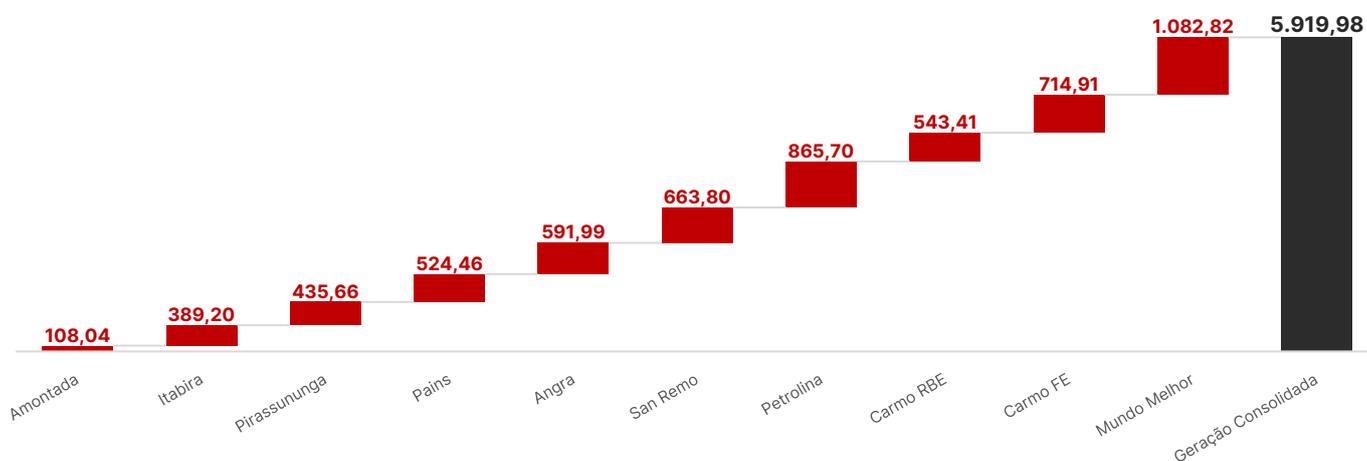
negociações para a locação do empreendimento já se encontram em fase final, com assinatura prevista para ocorrer ao longo do mês de setembro. Cabe destacar que, embora a usina já esteja em operação, a geração de caixa do projeto deverá ocorrer apenas nos próximos meses, em razão tanto do processo natural de ramp-up do inquilino quanto do descasamento existente no faturamento dos aluguéis, ponto já detalhado em relatórios anteriores.

Performance do Portifólio



Ativos em fase de closing ou ainda não operacionais foram excluídos do cálculo, com o objetivo de preservar a precisão e a representatividade do indicador. Foram feitas correções nos dados de jun e jul de 2025, tendo em vista um erro registrado na comunicação dos investores com a plataforma de medição de Mundo Melhor.

Geração por Ativo (MWh) - Agosto 25



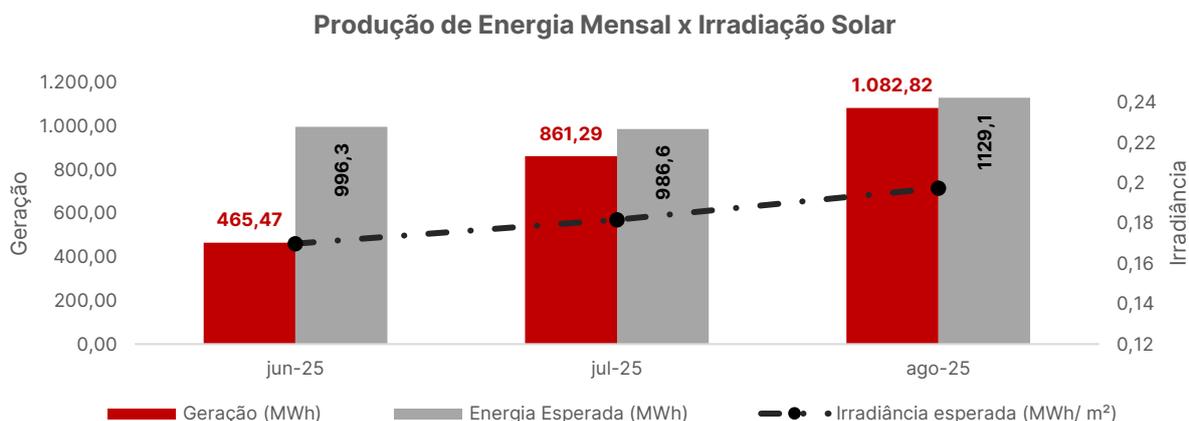
Para o restante desta carta, focaremos na atualização dos projetos do portfólio com base nos principais destaques do mês, evitando a repetição de informações sobre ativos que não apresentaram

movimentações relevantes no período. Permanecemos à disposição para eventuais dúvidas e sugestões em nossos canais de comunicação.

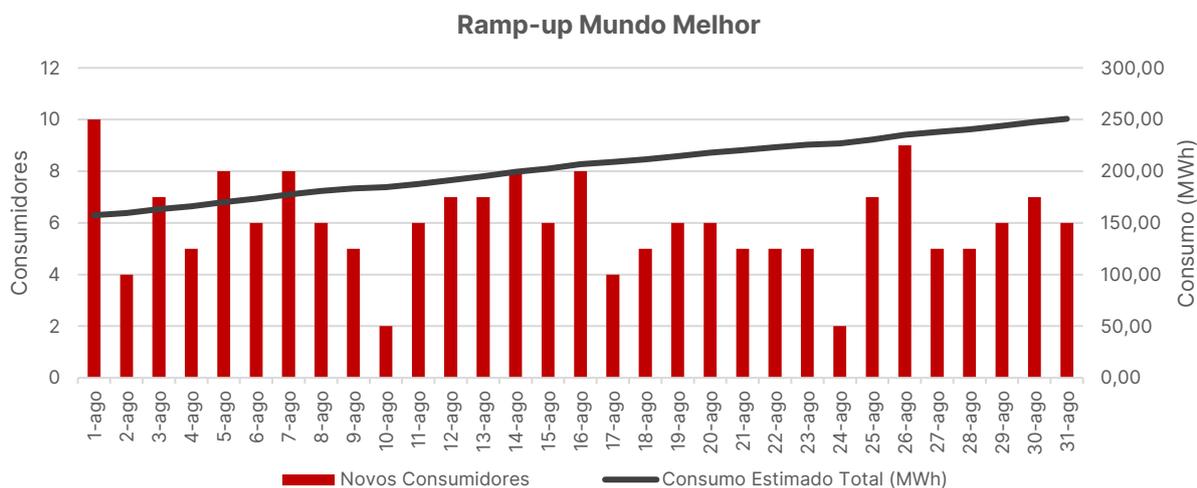
Projetos em Destaque

- **Mundo Melhor**

O empreendimento foi devidamente conectado à rede da distribuidora no final de abril de 2025 e, desde então, vem avançando em seu processo de ramp-up, tanto operacional quanto comercial. Como é possível observar abaixo, após poucos meses de operação, a performance do ativo já se aproximou de forma relevante dos níveis projetados. Ressalta-se, contudo, que durante o mês de agosto algumas ocorrências impactaram negativamente o desempenho do projeto, tais como desligamentos intempestivos por subtensão da rede e o desligamento manual de um dos skids durante inspeção.



Conforme divulgado no relatório gerencial de abril, este empreendimento foi locado para a NUV ENERGIA através da modalidade “compensada”. Dessa forma, o inquilino vem, desde a assinatura, trabalhando na captura de consumidores para os créditos gerados pelas UFVs. Abaixo, o desempenho comercial registrado no mês de agosto, junto a capacidade de consumo acumulada dos consumidores associados até o momento.

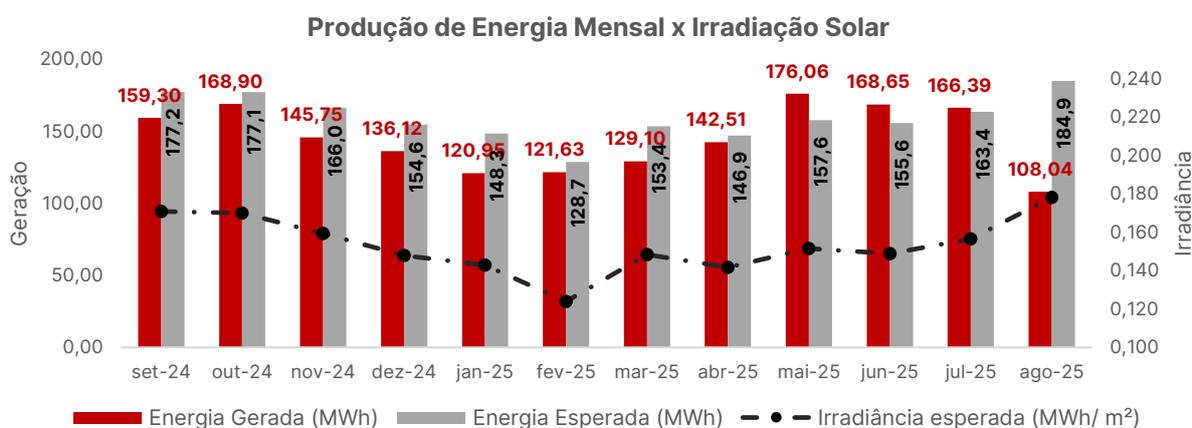


Fonte: NUV / Elaboração: Suno Asset.

Conforme observado, ao final de agosto, os consumidores associados apresentavam uma capacidade de consumo equivalente a aproximadamente 27% da geração mensal projetada do empreendimento. Considerando o descasamento existente no modelo, estima-se que a primeira receita de locação seja reconhecida em setembro, embora ainda insuficiente para cobrir integralmente os custos do projeto. Cabe destacar que o ativo possui capacidade instalada total de 7 MWp, representando cerca de 11% do portfólio, e receita mensal projetada, em regime de maturidade, superior a R\$ 550 mil. Com um CAPEX acumulado até o momento de aproximadamente R\$ 23,8 milhões (R\$ 3,4 milhões/MWp), estimamos um NOI Yield na maturidade em torno de 22%.

- **Amontada 2**

No mês de agosto, na noite do dia 17, o empreendimento registrou a ocorrência de furto de cabos de baixa tensão responsáveis pela conexão entre os inversores e o QBGT. Os invasores violaram a cerca de arame e adentraram a usina por volta das 19h, pouco antes do início da ronda dos vigilantes. Após desligarem o disjuntor geral, a central de monitoramento identificou a perda de comunicação e imediatamente acionou a equipe de O&M, que, por sua vez, contatou os vigilantes responsáveis pelo local e solicitou apoio policial. Durante a inspeção, foi realizada uma varredura nas imediações, onde os cabos furtados foram encontrados na vegetação próxima. Entre as medidas adotadas, destacam-se: (i) reforço imediato da segurança da usina, diante do risco de novas ocorrências; (ii) avaliação e reaproveitamento parcial dos cabos recuperados; e (iii) aquisição e reposição dos cabos remanescentes necessários para a retomada da operação, no montante total de R\$ 24.500, com pagamento parcelado. Vale destacar que já haviam sido implementadas medidas mais rigorosas após o primeiro furto ocorrido. Os reparos foram concluídos ainda na mesma semana, entretanto, o incidente gerou impacto relevante na performance do empreendimento, conforme demonstrado a seguir:



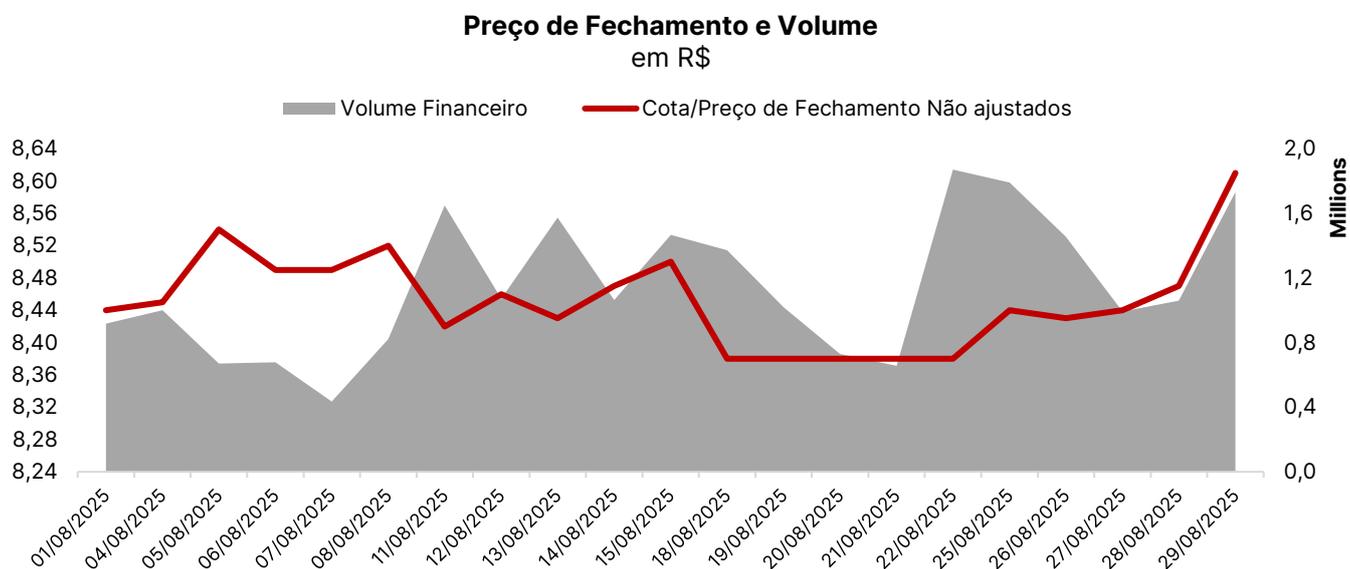
Por outro lado, o empreendimento segue com geração de caixa robusta, apresentando uma taxa de ocupação superior a 97% e NOI levemente acima de R\$ 70 mil, representando um NOI Yield de cerca de 19%.

Performance

Os investidores que detinham as cotas até a data com de agosto fizeram jus aos rendimentos no valor de R\$ 0,10 (equivalente a um Dividend Yield anualizado de 14,86%, considerando a cota de fechamento do mês). Além disso, foi anunciado os rendimentos provenientes do resultado de agosto, distribuídos em setembro, no valor de R\$ 0,10 por cota, mantendo a estabilidade no patamar de distribuição.

No mercado secundário, as cotas do SNEL foram de R\$ 8,42 no fechamento de julho para R\$ 8,61 no fechamento de agosto, atingindo máxima e mínima de, respectivamente, R\$ 8,38 e R\$ 8,61 dentro do mês de referência. O retorno total no mês foi de 3,47%, impulsionado pela variação positiva na cotação durante o período. O CDI apurado no mês foi de 1,16%, o IPCA -0,11%, e o benchmark do Fundo (IPCA + 7,00% a.a.) 0,45%. Quando comparado aos indicadores, o retorno total foi 298,4% do CDI, e 763,95% do benchmark do Fundo. Quanto ao volume, foram negociados R\$ 24.019.560,01 no mês, alcançando uma média diária de R\$ 1.143.788,57.

Ademais, no mês de agosto, registramos a ultrapassagem da marca de 40 mil investidores, atingindo um total de 41.446 cotistas. Este resultado representa um crescimento de 61% na base de investidores desde o início do ano. Ressalta-se que a expansão da base de cotistas tende a trazer consigo diversos benefícios, tais como o aumento da liquidez das cotas no mercado secundário e a redução da volatilidade de preços, em razão da maior pulverização e conseqüente menor concentração entre investidores.



Fonte: Quantum Axis / Elaboração: Suno Asset.

Equipe de Gestão, **SUNO ASSET**.

Dúvidas frequentes

- **Status e participação projetos 2ª emissão**

Os projetos tratados como ativos da 2ª emissão (São Bento Abade, Mundo Melhor e Liberdade), são 100% detidos pelo SNEL, sendo o controle dividido entre sua participação direta e da sua participação na empresa NK Empreendimentos. Originalmente o fundo financiou o CRI Portfólio Solar, sendo a emissão realizada pela NK Empreendimentos. Atualmente, o SNEL possui 100% da emissora e do CRI emitido, possuindo 100% do controle participação nos projetos. Dos ativos da 2ª emissão, Mundo Melhor e São Bento Abade já estão operacionais. É esperado que o CRI seja incorporado e liquidado dentro da emissora nos próximos meses.

- **Ativos com Renda Mínima Garantida**

Dos ativos adquiridos com os recursos da 3ª emissão, os projetos Catena, Malbec, Rutini e Eloi Mendes possuem parte da sua receita de locação oriunda de mecanismos de Renda Mínima Garantida, enquanto o processo de ramp-up e comercialização ocorrem. Os projetos representam menos de 10% do portfólio total.

- **Evolução operacional do portfólio**

O time de gestão tem trabalhado para o incremento das receitas operacionais do fundo, sendo importante destacar que apesar de operacionais, projetos como Mundo Melhor, São Bento Abade e Petrolina ainda não estão gerando caixa em seu potencial máximo, além do projeto Liberdade que aguarda conexão.

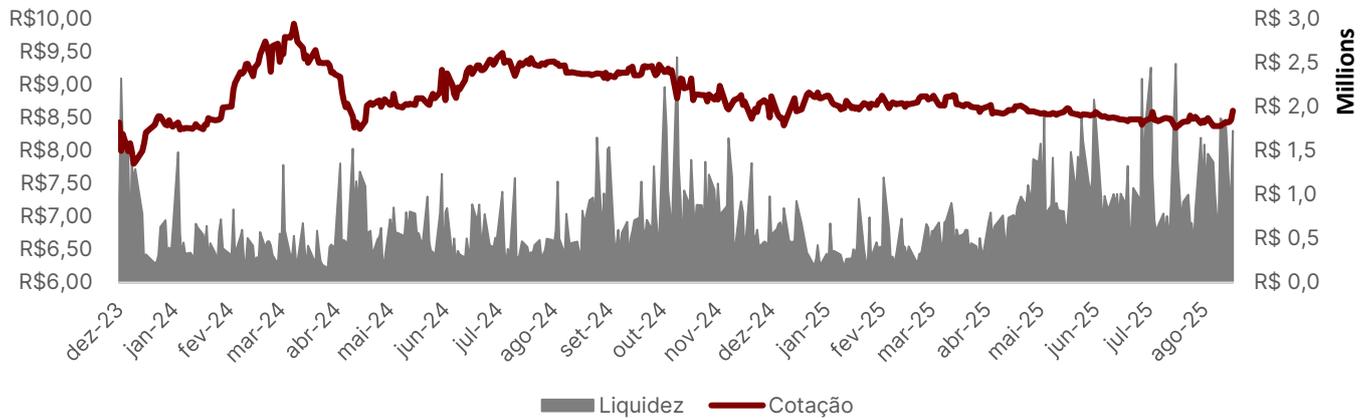
- **Novas dúvidas**

Para novas dúvidas e pensando em implementar o maior padrão de governança, a equipe de gestão e relação com investidores está à disposição para responder mais dúvidas e passaremos a trazer mensalmente, respostas das dúvidas mais frequentes que sejam recebidas em nossos canais.

PERFORMANCE E DESEMPENHO

(RENTABILIDADE, Nº COTISTAS, PL, COTAÇÃO, VOLATILIDADE)

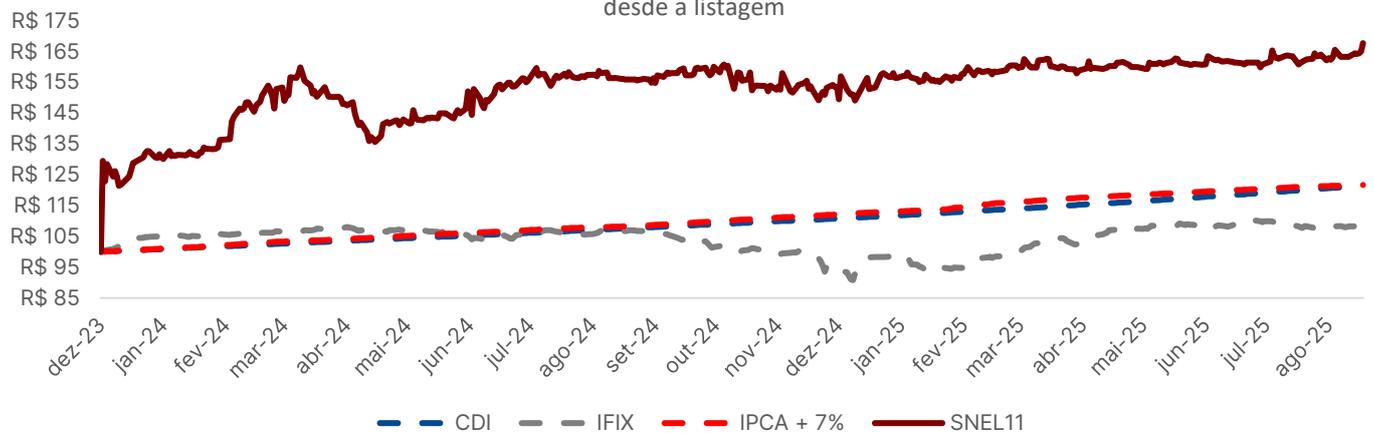
Cotação e Liquidez



Fonte: Quantum Axis / Elaboração: Suno Asset.

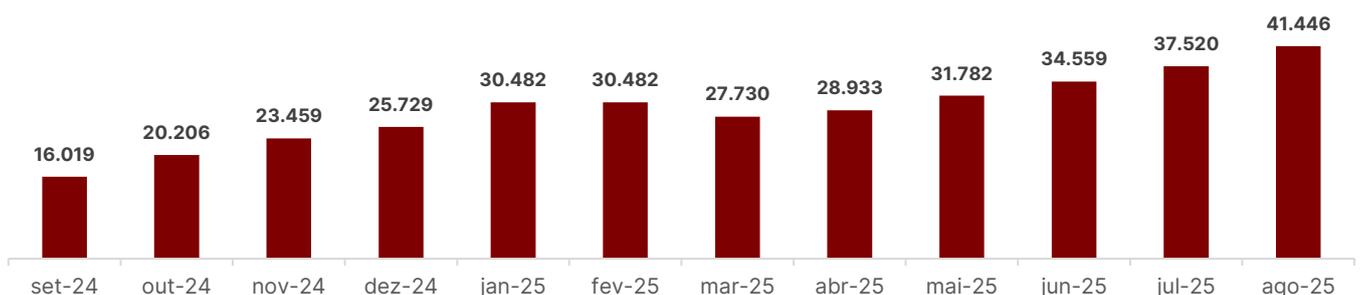
Performance SNEL x Indexadores

desde a listagem



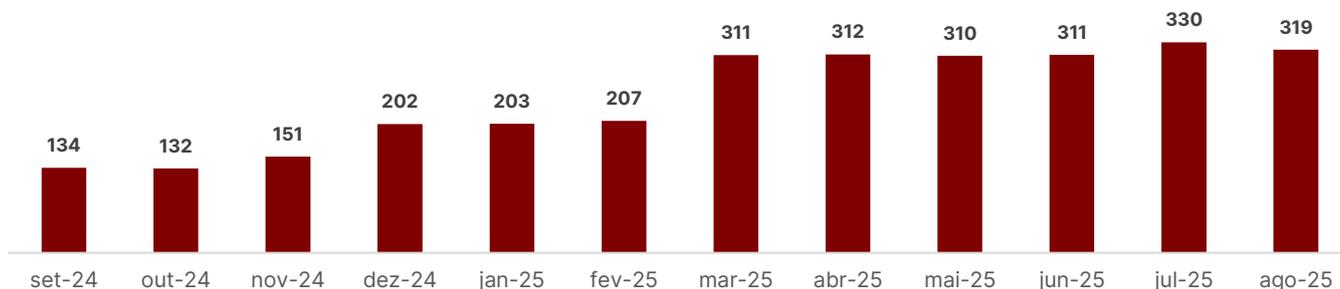
(Considera Valorização das Cotas + Proventos) Fonte: Quantum Axis / Elaboração: Suno Asset.

Número de Cotistas



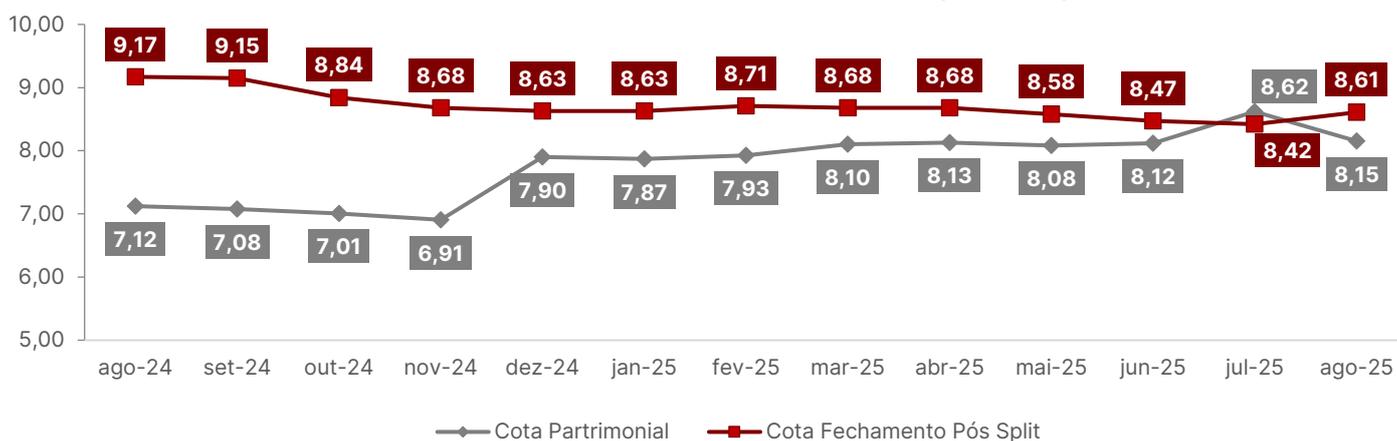
Fonte: Quantum Axis / Elaboração: Suno Asset.

Patrimônio Líquido (em R\$ MM)



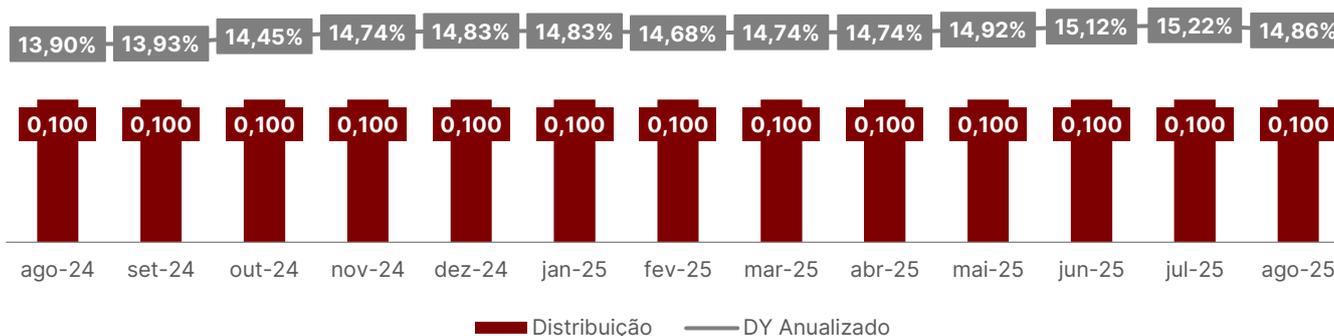
Fonte: Quantum Axis / Elaboração: Suno Asset.

Cota Patrimonial x Cota Mercado (em R\$)



Fonte: Quantum Axis / Elaboração: Suno Asset.

Distribuição e DY Anualizado



Fonte: Quantum Axis / Elaboração: Suno Asset.

RESULTADO

MÊS	jun/25	jul/25	ago/25	LTM	2025
1. Receitas	1.941.317	11.910.912	1.867.515	44.073.747	34.060.372
1.a. Receita de Locação (UFVs)	1.868.968	1.681.715	1.846.554	12.336.103	10.141.536
1.b. Aplicação/Movimentação caixa	72.349	10.229.198	20.960	31.737.644	23.918.837
2. Despesas	-671.719	-1.136.789	-870.177	-6.650.903	-5.165.073
2.a. Despesas do Fundo	-560.654	-1.134.141	-855.732	-5.079.300	-4.060.776
2.b. Despesas não recorrentes	-111.065	-2.647	-14.445	-1.571.604	-1.104.297
3. Resultado Exercício (1+2)	1.269.598	10.774.124	997.338	37.422.844	28.895.299
4. Resultado Distribuível	3.990.319	10.931.023	8.094.941	38.349.635	30.251.329
4.a. Resultado Exercício (3)	1.269.598	10.774.124	997.338	37.422.844	28.895.299
4.b. Resultado Não Distribuído	2.720.722	156.899	7.097.603	926.792	1.356.030
5. Rendimento Distribuído	3.833.420	3.833.420	3.833.420	34.088.115	26.195.833
5.a. Distribuição – SNEL11	3.833.420	3.833.420	3.833.420	32.395.831	24.836.557
5.b. Distribuição – Recibos	0	0	0	1.692.284	1.359.277
5.c. Distribuição R\$/cota – SNEL11	0,10	0,10	0,10	1,20	0,80

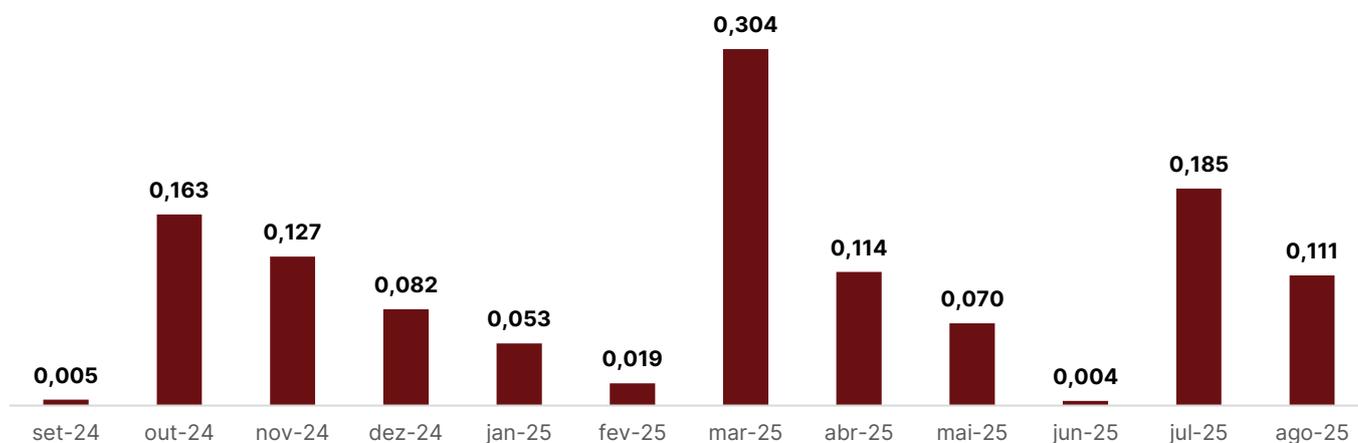
* Considera-se como resultado exercício a soma das linhas 1. Receitas e 2. Despesas.

** A linha 4.b. é a reserva criada a partir do resultado não distribuído em meses anteriores.

Fonte: XP e Singulare / Elaboração: Suno Asset.

Lucro Acumulado

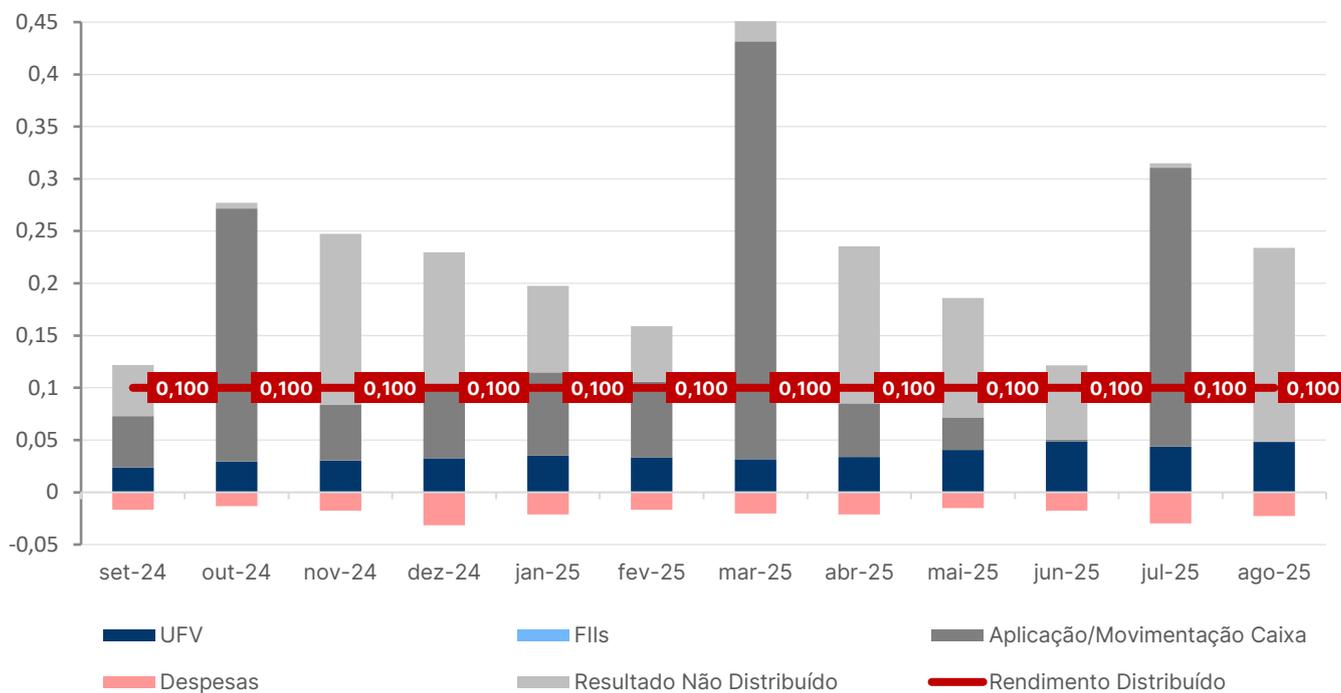
(R\$/cota)



Fonte: Singulare e XP / Elaboração: Suno Asset

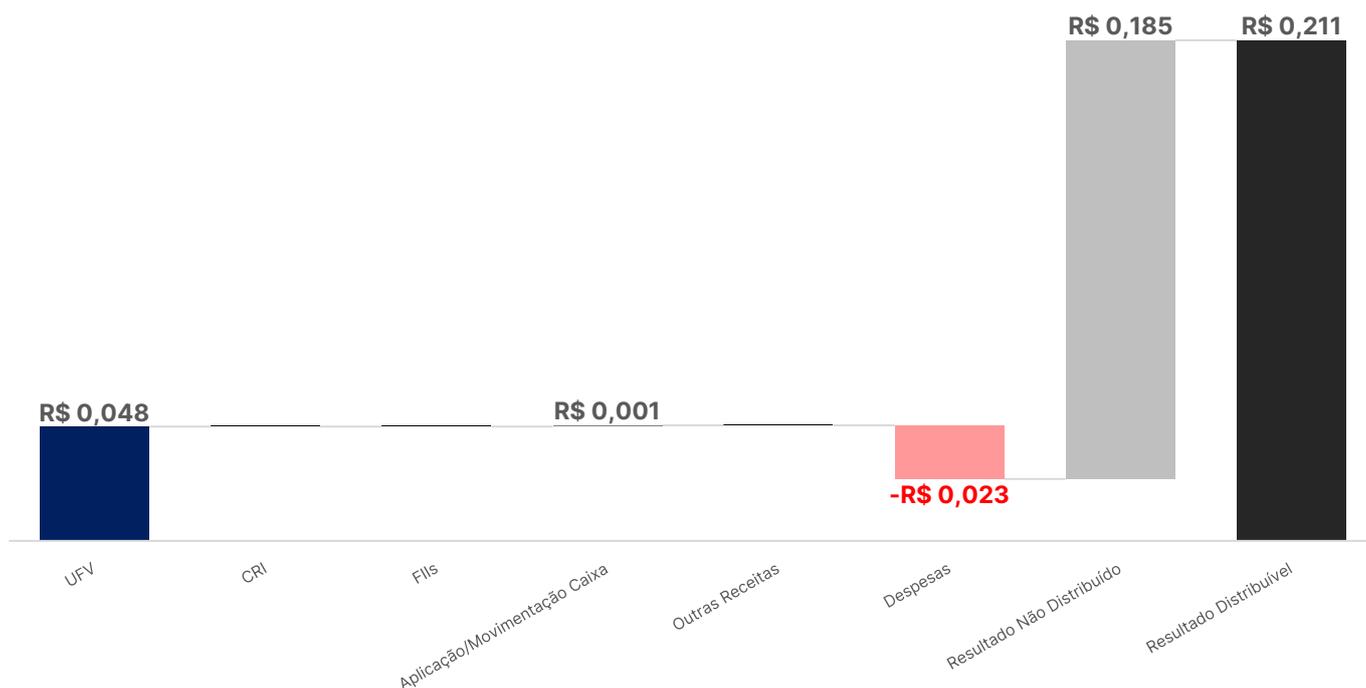
Resultado SNEL11

R\$/cota



Fonte: Singulare e XP / Elaboração: Suno Asset.

Resultado Mensal Detalhado por Cota



Fonte: Singulare / Elaboração: Suno Asset.

ALOCAÇÕES E MOVIMENTAÇÕES

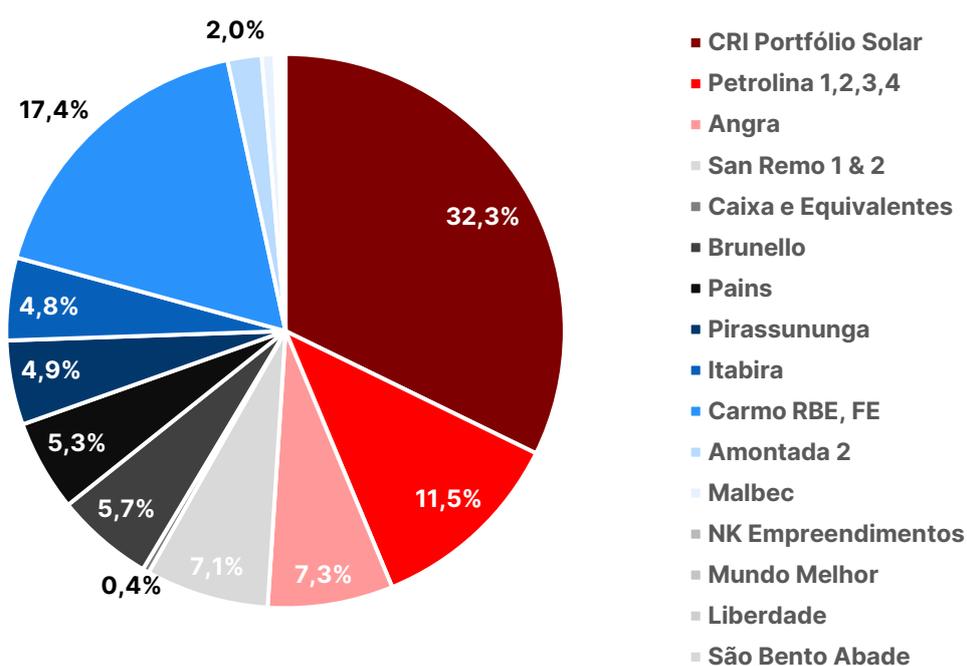
CARTEIRA DO FUNDO

Identificação	Tipo de Ativo	Indexador	Participação SNEL	Vol SNEL	% Ativos
San Remo 1 & 2	UFV	Inflação	100%	R\$ 24,67	7,14%
Amontada 2	UFV	Inflação	90%	R\$ 6,80	1,97%
Petrolina 1,2,3,4	UFV	Inflação	100%	R\$ 39,69	11,48%
Itabira	UFV	Inflação	100%	R\$ 16,67	4,82%
Angra	UFV	Inflação	100%	R\$ 25,12	7,27%
Carmo RBE, FE	UFV	Inflação	100%	R\$ 60,10	17,38%
Pains	UFV	Inflação	100%	R\$ 18,40	5,32%
Brunello	UFV	Inflação	100%	R\$ 19,60	5,67%
Malbec	UFV	Inflação	100%	R\$ 2,57	0,74%
Pirassununga	UFV	Inflação	100%	R\$ 17,03	4,93%
Mundo Melhor	UFV	Inflação	2%	R\$ 0,53	0,15%
Liberdade	UFV	Inflação	2%	R\$ 0,52	0,15%
São Bento Abade	UFV	Inflação	3%	R\$ 0,51	0,15%
NK Empreendimentos *	S.A	-	100%	R\$ 0,61	0,18%
CRI Portfólio Solar **	CRI	CDI	-	R\$ 111,59	32,28%
Caixa e Equivalentes	Caixa e Equivalentes	CDI	-	R\$ 1,31	0,38%
Soma				R\$ 345,71	100%
Média Ponderada					

* Detentora da participação remanescente dos projetos Mundo Melhor, SBA e Liberdade.

** Dívida conversível estruturada para financiar obras da 2ª emissão.

Fonte: Singulare / Elaboração: Suno Asset



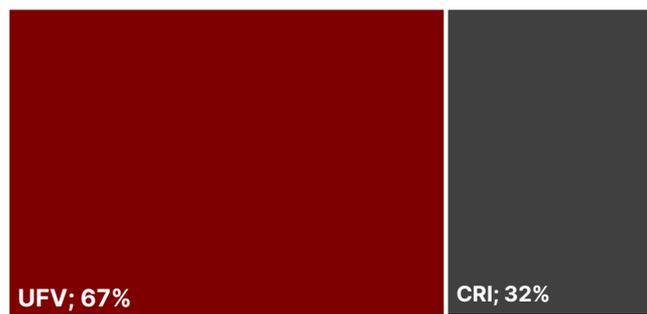
Fonte: Singulare / Elaboração: Suno Asset

DETALHAMENTO DAS UFVs

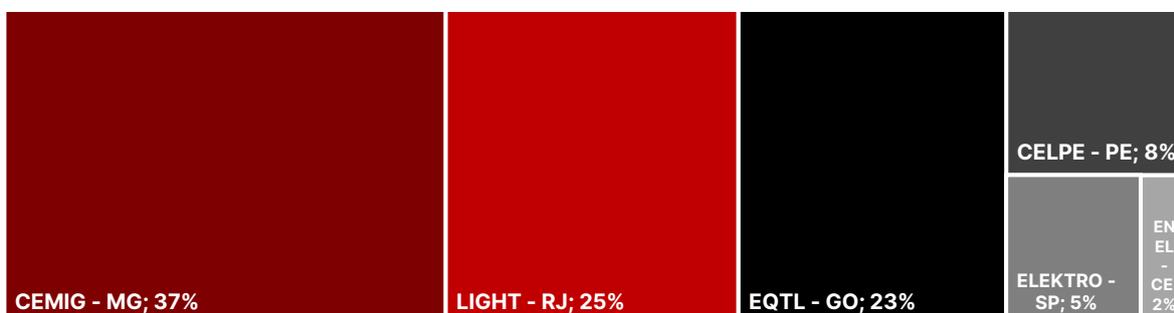
Identificação	Distribuidora	Fase	Data de Conexão	Capacidade Instalada	Capex (R\$ mm)	Tipo Locação	Vencimento Locação	Inquilino	O&M	EPC
San Remo 1	CEMIG - MG	Operação	06/2024	1,40 MWp	6,0*	Take or Pay	02/2039	Matrix	Impetus	Impetus
San Remo 2	CEMIG - MG	Operação	03/2024	3,36 MWp	14,5*	Take or Pay	02/2039	Matrix	Impetus	Impetus
Amontada 2	ENEL - CE	Operação	02/2024	1,20 MWp	4,8*	Compensada	01/2039	9Energia	9Energia	9Energia
Petrolina 1	CELPE - PE	Operação	06/2024	1,26 MWp	6,9*	Compensada	05/2034	Lemon	3P	Voltxs
Petrolina 2	CELPE - PE	Operação	06/2024	1,26 MWp	6,9*	Compensada	06/2035	Setta	3P	Voltxs
Petrolina 3	CELPE - PE	Operação	06/2024	1,26 MWp	6,9*	Compensada	05/2034	Lemon	3P	Voltxs
Petrolina 4	CELPE - PE	Operação	06/2024	1,26 MWp	6,9*	Compensada	06/2035	Setta	3P	Voltxs
Itabira 1	CEMIG - MG	Operação	09/2023	3,06 MWp	4,4*	Take or Pay	08/2030	Serena	Metrion	Enerside
Liberdade	EQTL - GO	Conexão	-	7,00 MWp	23,2*	Indefinido	Indefinido	Indefinido	Indefinido	Impetus
Mundo Melhor	EQTL - GO	Operação	04/2025	7,00 MWp	23,8*	Compensada	04/2030	NUV	Impetus	Impetus
São Bento Abade	CEMIG - MG	Operação	08/2025	7,00 MWp	26,1*	Indefinido	Indefinido	Indefinido	Metrion	Impetus
Pirassununga	ELEKTRO - SP	Operação	08/2024	3,34 MWp	14,5*	Take or Pay	12/2039	Safira	Splendor	Splendor
Pains	CEMIG - MG	Operação	05/2023	3,67 MWp	18,4*	Compensada	05/2050	NUV	Vivaz	Ecolampe
Carmo RBE	LIGHT - RJ	Operação	05/2024	5,33 MWp	30,0*	Compensada	05/2050	NUV	Vivaz	Ecolampe
Carmo FE	LIGHT - RJ	Operação	05/2024	5,33 MWp	30,0*	Compensada	05/2050	NUV	Vivaz	Ecolampe
Angra	LIGHT - RJ	Operação	04/2023	4,62 MWp	25,1*	Compensada	05/2050	NUV	Vivaz	Ecolampe
Catena	CEMIG - MG	Operação	10/2024	3,65 MWp	17,7*	Híbrido	10/2039	Matrix	Insol	Insol
Malbec	CEMIG - MG	Operação	10/2024	0,76 MWp	3,7*	Híbrido	10/2039	Matrix	Insol	Insol
Rutini	CEMIG - MG	Operação	10/2024	0,11 MWp	0,5*	Compensada	04/2028	Juntos	Insol	Insol
Elói Mendes	CEMIG - MG	Operação	10/2024	0,06 MWp	0,3*	Compensada	04/2029	Juntos	Insol	Insol
Soma				61,9 MWp	R\$ 270,8					
Média Ponderada			05/2010				mai/41			

* Valor parcial. Novos desembolsos são previstos

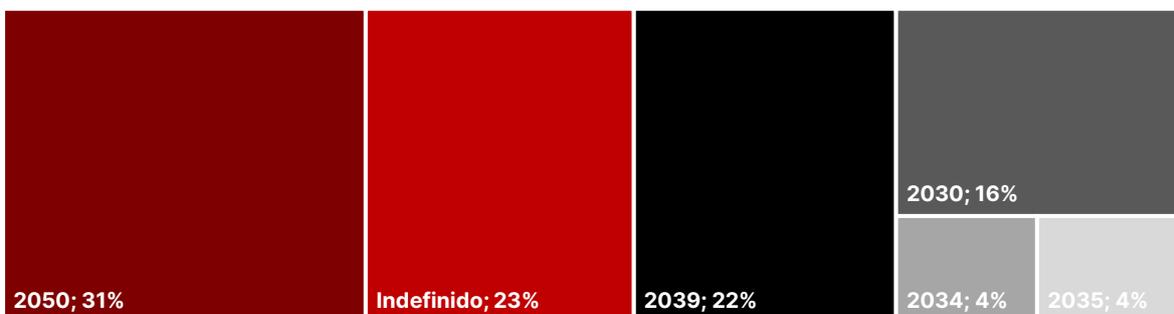
Exposição por Tipo de Ativo



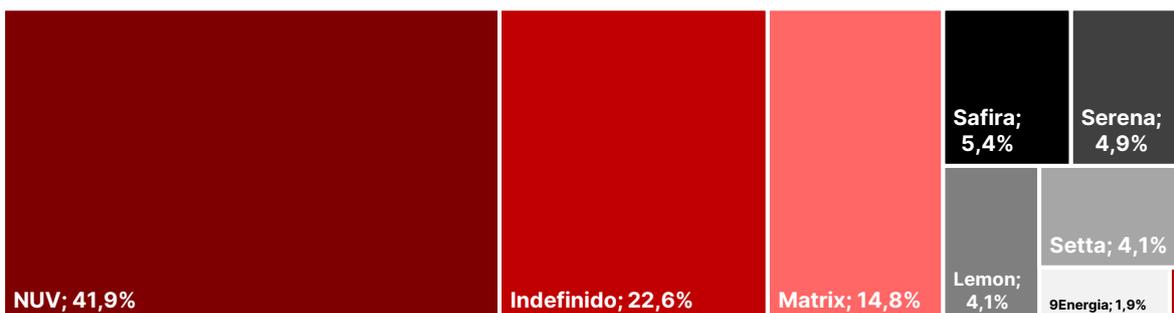
Exposição por Distribuidora



Exposição por Vencimento



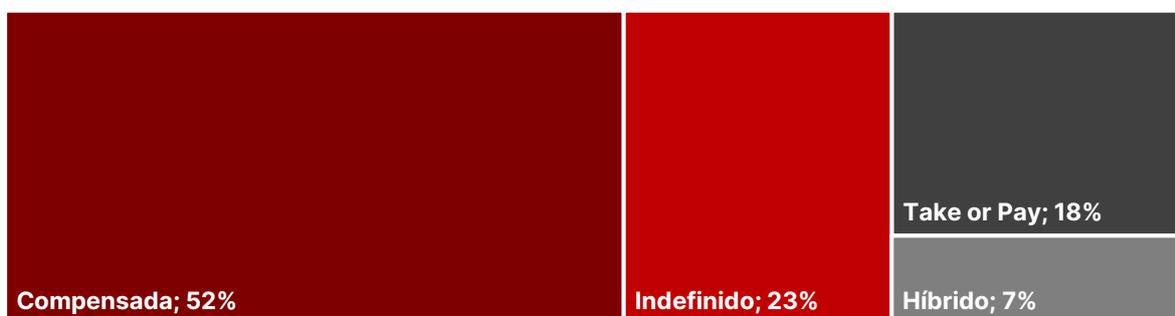
Exposição por Inquilino



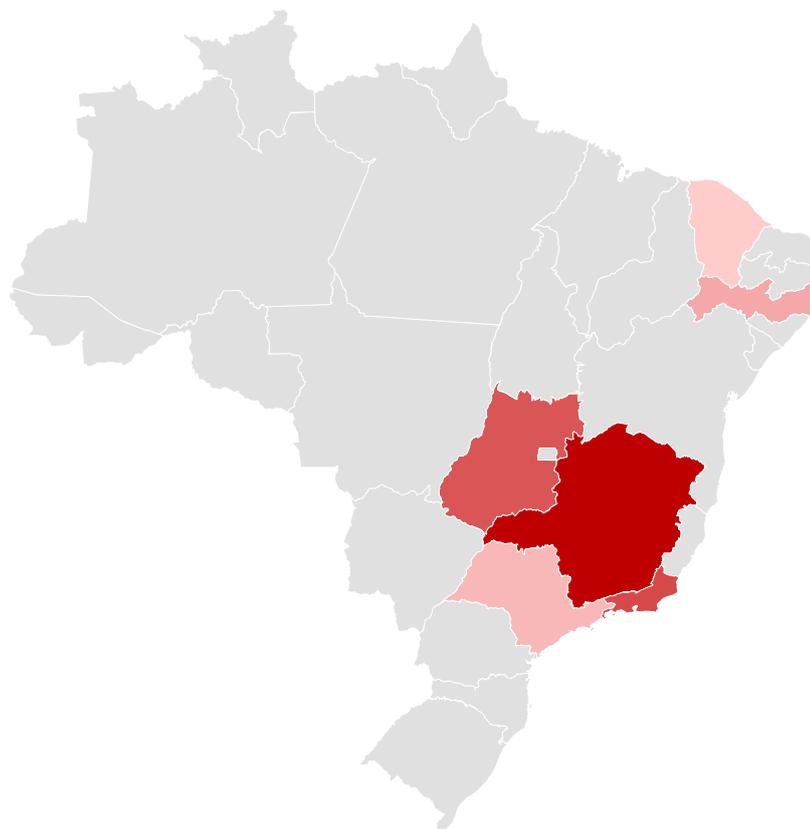
Exposição por O&M



Exposição por Locação



Exposição Geográfica



Powered by Bing
© Microsoft, OpenStreetMap

Exposições indicadas com base na capacidade total (MWp) / Elaboração: Suno Asset

DETALHAMENTO DOS ATIVOS

UFV SAN REMO 1 & 2

Inquilino	Distribuidora	Fase	Capacidade	Locação	Vencimento	O&M
Matrix	CEMIG - MG	CONEXÃO	4,76 MWP	TAKE OR PAY	02/2039	IMPETUS

O projeto Ufv San Remo está localizado em João Pinheiro (MG), sob concessão da CEMIG, com capacidade instalada de 4,76 MWp (3,62 MW AC) e geração estimada de 7.651 MWh/ano. Em operação desde junho de 2024, a usina está locada para a Matrix em contrato Take or Pay com vigência até fevereiro de 2039. O ativo foi desenvolvido pela Impetus e, em tom de curiosidade ao cotista, vale destacar que a usina se encontra instalada em imóvel urbano.

O grupo Impetus Energy atua na área de geração fotovoltaica realizando o desenvolvimento, execução e gestão dos projetos. O grupo foi fundado em 2011, e desde então desenvolveu centenas de projetos na Bahia, Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal e Espírito Santo.



UFV AMONTADA 2

Inquilino	Distribuidora	Fase	Capacidade	Locação	Vencimento	O&M
9ENERGIA	ENEL - CE	OPERAÇÃO	1,20 MWP	COMPENSADA	01/2039	9ENERGIA

O projeto Ufv Amontada está localizado no município de Amontada (CE), sob concessão da ENEL, com capacidade instalada de 1,2 MWp (0,98 MW AC) e geração estimada de 1.921 MWh/ano. Em operação desde fevereiro de 2024, a usina está locada para a 9Energia em contrato de modalidade compensada válido até janeiro de 2039. O ativo foi desenvolvido pela própria 9Energia, empresa com mais de 20 anos de atuação no setor elétrico e foco em soluções de energia renovável para clientes residenciais e comerciais.



UFV PETROLINA 1 a 4

Inquilino	Distribuidora	Fase	Capacidade	Localização	Vencimento	O&M
LEMON	CELPE - PE	OPERAÇÃO	5,02 MWP	HÍBRIDO	2034/35	3P

O projeto UfV Petrolina está localizado em Petrolina (PE), sob concessão da CELPE, com capacidade instalada de 5,04 MWp e geração estimada de 11.270 MWh/ano. Em operação desde junho de 2024, o complexo é formado por quatro usinas de 1,25 MWp cada, todas em regime de modalidade compensada. Dois contratos estão firmados com a Setta Energia, com vencimento em agosto de 2035, e os outros dois com a Lemon Energia, válidos até maio de 2034. O ativo foi desenvolvido pela Voltxs.



UFV ITABIRA

Inquilino	Distribuidora	Fase	Capacidade	Localização	Vencimento	O&M
CMU	CEMIG - MG	OPERAÇÃO	3,06 MWP	COMPENSADA	06/2030	METRION

O projeto UfV Itabira é uma usina fotovoltaica localizada em Itabira (MG), sob concessão da CEMIG, com capacidade instalada de 3,06 MWp e geração estimada de 4.416 MWh/ano. Em operação desde agosto de 2023, está locada para a

empresa Serena em contrato Compensada vigente até 2030. O ativo foi desenvolvido pela Enerside, empresa espanhola com experiência consolidada em projetos solares no Brasil e no exterior.



MUNDO MELHOR

Inquilino	Distribuidora	Fase	Capacidade	Localização	Vencimento	O&M
NUV	EQTL - GO	OPERAÇÃO	7 MWP	COMPENSADA	2034/35	METRION

O projeto UFV Mundo Melhor está localizado em Planaltina (GO), sob concessão da CELPE, com capacidade instalada de 7,0 MWp (5 MW AC) e geração estimada de 12.323 MWh/ano. Em operação desde abril de 2025, a usina está locada para a NUV em contrato de modalidade compensada válido até abril de 2030. O ativo foi desenvolvido pela Impetus.



CONHEÇA TODOS OS NOSSOS FUNDOS DE INVESTIMENTO



FI-Infra da Suno Asset. Devido à sua importância para o desenvolvimento do país, esta classe possui isenção completa de IR nos rendimentos e no ganho de capital.



Fundo de Fundos que investe em mais de 30 outros FIIs da bolsa e em centenas de ativos imobiliários por todo o país. Uma maneira descomplicada de aplicar no setor.



Fundo de Papel de risco moderado. Sua principal característica é entregar retornos consistentes aos cotistas, com rendimentos comparados a fundos de alto risco.



Primeiro Fiagro-Híbrido da bolsa brasileira, lançado ao mercado em agosto de 2022. Investe em terras logísticas voltadas ao agronegócio e ativos de crédito para o setor.



Fundo Imobiliário de Tijolo que está em processo de reestruturação. Em seu portfólio há imóveis alugados para empresas como Ambev, Ceratti, Itambé e Volkswagen.



Fundo de Investimento em Ações que utiliza como referência as carteiras recomendadas da Suno Research. Exposição em ativos de Valor, Dividendos, Small Caps e Internacional.



Fundo de Previdência Privada que investe em ações, com exposição muito similar ao SUNO FIC FIA. Conta com os benefícios tributários de uma Previdência, investindo em ações.



Fundo de Investimento em Ações, com exposição em ações globais listadas no Brasil ou nas bolsas dos EUA. Investe nas maiores empresas do mundo.



FII Multiestratégia da Suno Asset. Fundo com locação multidimensional, o que elimina o esforço do cotista. Uma forma de buscar a simplificação máxima da estratégia imobiliária.

LIVE MENSAL

Acesse o formulário e envie suas dúvidas a respeito do nosso fundo para serem respondidas em *lives* mensais no canal da Suno Asset no Youtube.

Enviar dúvidas



Não deixe de nos acompanhar nas redes sociais!





Aviso/Disclaimer:

“Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. É recomendada a leitura cuidadosa do prospecto e do regulamento do fundo de investimento pelo investidor ao aplicar seus recursos. Os investidores devem estar preparados para aceitar os riscos inerentes aos diversos mercados em que os fundos de investimento atuam e, conseqüentemente, possíveis variações no patrimônio investido. O Administrador não se responsabiliza por erros ou omissões neste material, bem como pelo uso das informações nele contidas. Adicionalmente, o Administrador não se responsabiliza por decisões dos investidores acerca do tema contido neste material nem por ato ou fato de profissionais e especialistas por ele consultados.”

Este material não tem relação com objetivos específicos de investimentos, situação financeira ou necessidade particular de qualquer destinatário específico, não devendo servir como única fonte de informações no processo decisório do investidor que, antes de decidir, deverá realizar, preferencialmente com a ajuda de um profissional devidamente qualificado, uma avaliação minuciosa do produto e respectivos riscos face a seus objetivos pessoais e à sua tolerância a risco (Suitability).”